



## ENQUADRAMENTO NOTICIOSO DA COVID-19: Uma análise das narrativas do *Jornal Nacional* sobre a pandemia do coronavírus

Marina Alvarenga Botelho<sup>1</sup>  
Arthur Raposo Gomes<sup>2</sup>

Universidade Federal de São João del Rei (UFSJ)  
Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF)

**Resumo:** O artigo traz uma análise da cobertura midiática sobre a COVID-19 no Brasil, tomando como objeto de análise o *Jornal Nacional*, telejornal da Rede Globo de maior audiência (Hernandes, 2012; Catozzo & Barcelos, 2016; Teixeira & Palma, 2018). A partir do debate sobre necropolítica (Aganbem, 2002; Mbembe, 2010), da imprensa como ator político (Albuquerque, 2012; Lima, 2006), dos conceitos de notícia e critérios de noticiabilidade (Rodrigues, 1990; Wolf, 1999) e da teoria acerca do enquadramento noticioso (Porto, 2004), é desenvolvida uma Análise de Enquadramento (Gamson e Modigliani, 1989) de um *corpus* que contempla 598 reportagens veiculadas no *JN* sobre o coronavírus no período de março, abril e maio de 2020. Como resultados, obteve-se uma maioria de notícias voltadas à cobertura estatística e internacional dos casos de Covid-19, em detrimento de outros enquadramentos.

**Palavras-chave:** COVID-19; Coronavírus; Jornal Nacional; Enquadramento noticioso; Necropolítica.

### 1. Introdução

---

<sup>1</sup> Professora da Universidade Federal de São João del Rei (UFSJ). Mestre em Educação pela Universidade Federal de Lavras (UFLA). E-mail: inabotelho@gmail.com

<sup>2</sup> Mestrando em Comunicação na Universidade Federal de Juiz de Fora, é bolsista da CAPES em 2020. Email: arthurraposogomes@gmail.com

A pandemia do coronavírus - Covid-19 (do inglês *Coronavirus Disease 2019*) ganhou grandes proporções e passou a ser a principal preocupação mundial em 2020, com os altos índices de contaminados e mortos nos países dos mais variados continentes. A enfermidade foi identificada pela primeira vez em Wuhan, na província de Hubei, República Popular da China, em 1º de dezembro de 2019, porém o primeiro caso foi registrado em 31 de dezembro do mesmo ano. Em 11 de março de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou o surto como uma pandemia – a disseminação mundial de uma nova doença. O coronavírus causa várias infecções respiratórias em seres humanos, desde simples resfriados até doenças mais graves como a Síndrome Respiratória Aguda Grave (SARS).

No Brasil, as primeiras ações ligadas à pandemia do Covid-19 começaram em fevereiro de 2020, com a repatriação dos brasileiros que viviam em Wuhan, cidade chinesa epicentro da infecção. No dia 26 de fevereiro, foi confirmado o primeiro caso de coronavírus no Brasil. Conforme dados que foram ao ar no *Jornal Nacional*, no dia 03 de agosto de 2020, o número de infectados no país chegou a 2.751.665 com 94.702 mortes.<sup>3</sup>

No meio da pandemia, o Brasil enfrenta ainda uma crise política e econômica. O presidente Jair Bolsonaro (sem partido), eleito em 2018, com posições de extrema direita, continuou levantando polêmicas. No caso da COVID-19, em várias falas, incluindo entrevistas a jornalistas e pronunciamentos em Cadeia Nacional de Rádio e Televisão, no dia 24 de março, classificou a pandemia como uma histeria, um exagero, que não passava de “uma gripezinha, um resfriadinho”, enquanto a doença se alastrava por todo o mundo.

Essa postura negacionista do presidente Jair Bolsonaro evidencia que o governo prefere não levar em conta a gravidade da doença e o alto grau de transmissão. Desde março, o presidente tem feito declarações polêmicas questionando a seriedade da crise sanitária e não cumpre os protocolos de prevenção previstos pela Organização Mundial da Saúde (OMS) e do próprio ministério da Saúde, gerando aglomerações, falta de uso de máscaras e defendendo o fim do isolamento social em momentos que os índices continuam aumentando. Esta crise política levou à queda de dois ministros da Saúde no

---

<sup>3</sup> <https://globoplay.globo.com/v/8748623/>. Acesso em 04 de agosto de 2020.

período de março a abril. Até o início de agosto, não foi nomeado outro Ministro da Saúde, enquanto o país tem enfrentando um cenário mais grave da pandemia.

A crise política e sanitária tem sido amplamente divulgada pela grande imprensa. No início de junho, em mais um posicionamento polêmico, o governo federal começou a criar dificuldades na divulgação dos dados da COVID-19, o que não permitiu, por exemplo, que o *Jornal Nacional* pudesse informar os números atualizados da doença no país. Com a confusão provocada pelo governo Bolsonaro em criar novas metodologias de divulgação e atrasar a divulgação do número de infectados e mortos, foi criado um Consórcio de Veículos de Mídia – *Folha de S. Paulo, O Globo, Extra, Estado de S. Paulo, Portal G1 e Portal Uol* – que passou a fazer o levantamento diário junto às secretarias estaduais de saúde para divulgar todos os dias, às 18 horas, os dados atualizados da COVID-19 no país.

Diante deste cenário, o artigo faz uma análise da cobertura do *Jornal Nacional* sobre a COVID-19, tomando como base a Análise de Enquadramento (Porto, 2002), via pacotes interpretativos (Gamson e Modigliani, 1989). O *JN* foi escolhido por ser o principal telejornal do país e de maior audiência. Além disso, a TV continua sendo a mídia mais assistida pelos brasileiros. Quanto ao recorte, foram definidos os meses de março, abril e maio, para este primeiro trabalho de análise, totalizando 598 reportagens levadas ao ar pelo *Jornal Nacional* com as palavras-chave “coronavírus”, “Covid-19” e “pandemia” em sua chamada.

## **2. Pandemia da COVID-19 e necropolítica**

No Brasil, o presidente Jair Bolsonaro (sem partido-RJ) vem se posicionando contra a política de isolamento constantemente, classificando o vírus como uma “gripesinha”, enquanto acusa a imprensa de criar alarmismo e os governadores e prefeitos de intensificarem a crise econômica ao adotarem as medidas recomendadas pelas entidades de saúde. Ao priorizar a economia, rejeitando medidas protetivas à saúde da população diante de uma pandemia, o Estado revela não só capitalismo como um fim em si próprio, não um meio de melhorar a qualidade de vida da população, mas também escancara seu modelo de governo baseado na necropolítica.

O conceito cunhado por Achille Mbembe (2016), filósofo camaronês e professor da Universidade de Witwatersand, caracteriza a necropolítica como “as formas contemporâneas que subjagam a vida ao poder da morte”, tendo “a capacidade de definir quem importa e quem não importa, quem é ‘descartável’ e quem não é”, assim como a maneira que viverão e morrerão. Segundo o autor, o Estado ou instituições delegadas por ele passam a ter o poder de escolher quem deve viver e quem deve morrer. Isso tem sido evidenciado na forma como hospitais em alguns países, como Itália, estão tendo que escolherem que paciente terá leito de UTI para ser tratado e os que serão descartados e condenados à morte. Neste caso, os mais idosos e portadores de doenças crônicas, que constituem o grupo de risco, tornam-se os mais vulneráveis, já que têm menos chances de cura em relação aos mais jovens e saudáveis. Com o agravamento da doença, já se começa a discutir como será feita a seleção dos pacientes a terem direito a um leito de UTI em casos graves, já que a demanda tem crescido. O número de pacientes em situação de gravidade é bem maior do que os leitos disponíveis no sistema de saúde, nestas cidades. Discute-se a possibilidade de estabelecer uma pontuação para definir quem será atendido e terá direito à internação na UTI enquanto outros ficaram sem assistência necessária, configurando uma situação típica da necropolítica, quando o Estado acaba decidindo que podem sobreviver e quem está condenado a morrer.

A necropolítica está diretamente relacionada aos campos de exceção, termo trabalhado pelo filósofo Giorgio Agamben (2002), com o poder discursivo sendo essencial para a aceitação das práticas adotadas nesses espaços. Mbembe (2016) pontua nessa relação que, nesses espaços, o poder (e não necessariamente o poder estatal) continuamente se refere e apela à exceção, emergência e a uma noção ficcional do inimigo, ao mesmo tempo em que “ele também trabalha para produzir semelhantes exceção, emergência e inimigo ficcional”, o que justifica as ações do necropoder. Entendendo o estado de exceção declarado como a expansão dos campos, o poder discursivo aqui é de suma importância para conseguir o apoio popular para retirada de direitos - próprios inclusive - e intensificação da atuação do Estado em sua necropolítica com interesses neoliberais, priorizando a economia e o lucro sobre a vida da parte “descartável” da população.

As opressões sociais, de classe, raça e gênero, são refletidas na capacidade de combate ao contágio e tratamento. Medidas de prevenção tidas como simples, que se

baseiam na higienização individual e do ambiente, são vetadas, ou dificultadas, à 46,8% da população que não tem acesso à rede de esgoto e 16,4% que não tem abastecimento de água, isso sem considerar o percentual que sofre com inconstâncias desses serviços (*GI*, 10 de dezembro de 2019). O isolamento social também é um privilégio, tendo em vista que parte da população exerce funções que não permitem o trabalho remoto, bem como não possuem fonte de renda ou vínculo empregatício que forneçam segurança econômica para tal medida. Em um país onde a informalidade representa 41,1% da população ocupada, com alto índice de precarização, e com 11% da população desempregada, é impensável o isolamento sem que o governo assegure o acesso à condição mais básica de vida (*ESTADO DE MINAS*, 02 de fevereiro de 2020). Entendendo esse distanciamento entre classes no enfrentamento da pandemia, é perceptível a não equidade de riscos diante do vírus.

Porém, a desigualdade não se limita ao contágio. No Brasil, apenas 44% dos leitos de unidades de terapia intensiva (UTI), que representa 17,9 mil de 40,6 mil leitos, estão no Sistema Único de Saúde (SUS), principal rede de saúde do país, atendendo três quartos da população, cerca de 52 milhões de pessoas (*EXAME*, 13 de abril de 2020). Assim sendo, o risco de sobrecarga devido ao coronavírus é altíssimo, sabendo que esses mesmos leitos são compartilhados com outras formas de atendimento do sistema público de saúde. Além disso, um estudo<sup>4</sup> levantou que a vítima padrão de óbito pela Covid-19, até o mês de julho, era homem, pobre, pardo ou preto. (*ÉPOCA*, 3 de julho de 2020)

### **3. Notícias, critérios de noticiabilidade e enquadramento**

Partindo do elevado número de casos de infectados no mundo e no Brasil pela COVID-19, a pandemia pode ser entendida também como um fenômeno social, extrapolando sua ação biológica, com a influência de estruturas sociais já existentes, mas com virtualidades para transformações e rupturas, que podem surgir até mesmo de forma espontânea e popular. No entanto, essas virtualidades também são exploradas pelos poderes vigentes e estão em disputa no campo midiático. Mesmo defendendo posturas

---

<sup>4</sup> <https://epoca.globo.com/sociedade/dados-do-sus-revelam-vitima-padrao-de-covid-19-no-brasil-homem-pobre-negro-24513414>. Acesso em 07 de agosto de 2020.

preventivas no combate ao coronavírus, como a narrativa da necessidade de isolamento social, a cobertura da grande imprensa segue os critérios de noticiabilidade e a própria natureza sensacionalista do que é notícia. Nesse sentido, quanto mais imprevisível for o fato, mais noticioso ele será, conforme aponta Rodrigues (1990). Na mesma linha, quanto mais trágico, maior o apelo noticioso.

Dessa forma, observa-se que o enquadramento que tem sido o dominante na cobertura noticiosa da pandemia é o enquadramento conceituado por Porto (2004) de “corrida de cavalos” (quando se enfatiza dados, estatísticas numa espécie de competição, principalmente em períodos eleitorais).<sup>5</sup> No caso da cobertura da pandemia, a principal ênfase tem sido no número de infectados e de mortos. As abordagens sobre a temática aparecem em matérias sobre a doença, formas de prevenção e contágio. No caso do Brasil, quanto mais a pandemia se espalha e aumenta o número de casos de infectados e mortos, o enquadramento corrida de cavalos passa a ser mais usual. Conforme veremos na análise de pacotes interpretativos, as estatísticas em relação ao crescimento da pandemia é o grande destaque da cobertura do *Jornal Nacional* e da grande imprensa brasileira.

Tal concepção sobre a noticiabilidade tem a ver com o número de pessoas envolvidas no fato, conforme aponta Wolf (1999), ao discutir o “Newsmaking”. Se um fato tem milhões de envolvidos, o grau de noticiabilidade aumenta muito. Os países que não têm registros da doença ou baixos índices de infectados não se tornam notícia, assim como os estados brasileiros em que os números são poucos. No caso do Brasil, ganharam maior destaque, primeiro, os estados que tiveram inicialmente maior número de infectados e mortos, como na região Nordeste (Ceará e Pernambuco, principalmente) e na região Norte (Amazonas, Pará) e Rio de Janeiro e São Paulo no Sudeste no período de maio e junho. A partir de julho, houve uma mudança no quadro e os estados do Sul

---

<sup>5</sup> Porto (2004) explica que existem quatro tipos de enquadramento, que ele aplica em coberturas de corrida eleitoral, mas que podem ser analisados em outras temáticas. São: “corrida de cavalos” (quando se refere a uma ênfase mais estatística de quem contabiliza mais casos ou número de mortes neste caso), “temático” (quando a ênfase é na discussão do assunto), “personalista” (quando prioriza a matéria em figuras envolvidas com a temática) e “episódico” (limita-se a uma cobertura mais factual). Esta tipologia se enquadra, principalmente, em coberturas eleitorais e não será utilizada no trabalho, que optou pela Análise de Enquadramento via pacotes interpretativos.

(como Santa Catarina) e do Centro-Oeste (Tocantins, Mato Grosso) passaram a ter maior incidência. Isso mostra uma variação típica de um país de grandes proporções que tem realidades e dinâmicas muito singulares.

Tal cobertura focada em números e num tom mais alarmante está relacionada à natureza sensacionalista e espetacular do jornalismo. Danilo Angrimani (1995), ao recorrer à psicanálise e às contribuições de Freud, afirma que há um desejo sádico por parte do público em compartilhar notícias sobre mortes e tragédias. Por isso, notícias sobre pessoas jovens que morrem com COVID-19 tendem a ser mais impactantes e ganham cobertura. Isso aponta para o debate sobre necropolítica e até que ponto não existe um gerontocídio – termo que é atribuído a um genocídio de pessoas idosas, tendo em vista que, quando há falta de leitos, a escolha dos hospitais tem sido a de escolher que tem mais chances de sobreviver e descartar os outros pacientes que ficam sem atendimento.

O enquadramento da COVID-19 passa por escolhas editoriais – neste caso, observa-se uma ênfase em estatísticas sobre número de infectados e mortes. O conceito de enquadramento, denominado *framing analysis*, foi cunhado por Erving Goffman, em 1974. A ideia de enquadramento (*frames*) derivava da preocupação de Goffman em entender como cada sujeito particular classificava e organizava uma dada situação social e atribuía sentido à realidade ao seu redor. Para o autor, “enquadramentos são entendidos como marcos interpretativos mais gerais, construídos socialmente, que permitem às pessoas dar sentido aos eventos e às situações sociais” (GOFFMAN *apud* PORTO, 2004, p. 78).

Durante o período de pesquisa, Goffman atentou para a questão da recepção com o intuito de verificar como o público recebia e interpretava as informações enquadradas pela mídia. Entretanto, a primeira aplicação do conceito de enquadramento no campo de comunicação foi publicada em 1978 pela socióloga Gaye Tuchman, no livro *Making News*. A pesquisa buscou demonstrar como o enquadramento de uma informação pode atuar no sentido de reforçar o poder político auxiliando a construção ou a definição de uma determinada realidade (PORTO, 2004).

#### **4. Mídia como Ator Político e o *Jornal Nacional* como carro-chefe do telejornalismo da Globo**

Discutir o papel da imprensa como ator social e político no Brasil remete, necessariamente, ao debate sobre os sistemas de mídia vinculados aos sistemas políticos. Aqui, a mídia foi implantada e se mantém atrelada a grupos políticos e econômicos, como é o caso da *Rede Globo* e dos outros conglomerados do País. Lima (2006, p. 97) aponta a concentração e a propriedade cruzada como características fundamentais da mídia brasileira, em que um grupo controla mídias nos diversos segmentos (rádio, TV, impressos, portais etc.).

Albuquerque (2012) argumenta que, apesar de o Brasil sempre contar com uma estreita vinculação entre os campos da mídia e da política, desde a consolidação do jornalismo nos moldes empresariais, os veículos noticiosos do País têm procurado incorporar o discurso da objetividade jornalística. Isso revela uma adesão ao modelo norte-americano pelas empresas jornalísticas mesmo que, em alguns momentos, a imprensa brasileira abra mão de tais princípios e assuma posições claramente tendenciosas, como ocorreu no processo de derrubada da presidente Dilma Rousseff (PT) e mesmo na cobertura sobre os governos do PT.

Como ressalta Albuquerque (2012), em alguns casos, como no telejornalismo brasileiro, a adoção do modelo informacional e predominantemente sob a suposta objetividade, em detrimento dos conteúdos abertamente interpretativos e opinativos, tem sido justamente uma forma de camuflar o posicionamento histórico dos conglomerados de mídia que interferem, constantemente, na formação da opinião pública e nas decisões políticas, em especial nos períodos de instabilidade.

Quanto ao objeto de análise, trata-se do *Jornal Nacional*, transmitido pela TV Globo. Hernandez (2012, p. 119) chega a considerá-lo como “o mais antigo, famoso e criticado noticiário brasileiro”. Em levantamento feito pelo Ibope Inteligência (2016), o telejornalismo é apontado como a principal forma que a maioria dos brasileiros se informam.

Conforme citado na página dedicada ao *Jornal Nacional* no portal Memória Globo (meio digital), o principal telejornal da TV Globo foi transmitido, pela primeira



vez em 1969 e, desde o lançamento, já estabeleceu vínculos com a cenário político do Brasil. Porto (1999, p. 2) acentua que “o papel político do telejornal da Globo”, bem como “a sua cobertura noticiosa parcial” já foi identificada por diferentes autores que analisaram o *JN*. Ainda nas primeiras décadas de existência do *Jornal Nacional*, pesquisadores percebiam traços de “manipulação das notícias e pela desinformação”, além de “aliança com o regime autoritário”, mesmo após o fim da censura aos meios de comunicação, implementada durante a ditadura militar (PORTO, 1999).

A cobertura do movimento Diretas Já e a ascensão do nome de Fernando Collor de Melo ao cargo de presidente da República são exemplos enumerados por Porto (1999) de interferência do *JN* no contexto político brasileiro. No entanto, na história recente, há outro exemplo disso.

A forma que a manifestação de junho de 2013 foi retratada pelo principal telejornal da Globo é analisada por Catozzo e Barcellos (2016), quando verificaram poucas referências quanto a causa da manifestação. Isso, resulta “a perspectiva de falta de fundamento ou justificativa para o movimento” (CATOZZO; BARCELLOS, 2016, p. 4) e ainda a desqualificação, a partir do momento que utilizaram, principalmente, palavras como manifestantes, policial/policiais, gente e grupo.

## **5. O enquadramento noticioso da COVID-19 pelo *Jornal Nacional*: estudo de caso**

O estudo de caso traz uma análise da cobertura do principal telejornal e de maior audiência – o *Jornal Nacional* da Rede Globo – sobre a cobertura da COVID-19 nos seus vários aspectos. O recorte foi feito nos três primeiros meses da pandemia no Brasil – março, abril e maio, totalizando 598 reportagens levadas ao ar pelo *Jornal Nacional*. Optou-se, na coleta, pela escolha de matérias que contivessem as palavras-chave “coronavírus”, “Covid-19” e “pandemia” em suas chamadas. O *JN* foi escolhido por ser o principal telejornal do país e de maior audiência. Além disso, a TV continua sendo a mídia mais assistida pelos brasileiros, inclusive durante a pandemia, como aponta estudo supracitado.

Como metodologia de análise, optamos pela Análise de Enquadramento (Porto, 2004), via pacotes interpretativos (Gamson e Modigliani, 1989). Depois de levantado e

analisado todo o material, foi possível identificar os pacotes interpretativos e o número de reportagens que se enquadram em cada uma destas categorias, como apresentado pelo Quadro 1.

**Quadro 1 – Tipologia dos Pacotes Interpretativos**

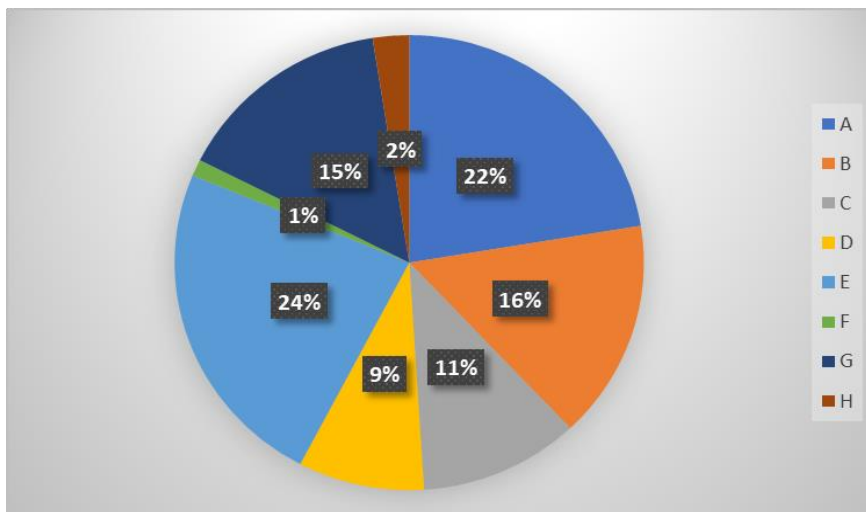
<b>Pacote Interpretativo</b>	<b>Descrição</b>	<b>Total de Reportagens</b>
(A)_Coronavírus e estatísticas no Brasil	Dados e informações sobre número de infectados e mortes, casos de pacientes curados, grupos mais atingidos pela doença etc.	134 (22%)
(B) Coronavírus – possibilidades de tratamento, vacinas e testagem	O foco aqui é nas ações de vários laboratórios na tentativa de desenvolver uma vacina que possa prevenir contra a COVID-19, bom como os tratamentos, polêmicas sobre medicamentos indicados e a política de testagem.	93 (16%)
(C) Coronavírus e as polêmicas de Jair Bolsonaro e de seu governo	O negacionismo de Bolsonaro sobre a doença gerou uma série de polêmicas ao longo destes meses de pandemia com ampla cobertura pela mídia.	66 (11%)
(D) Coronavírus e medidas de isolamento social	Trata de medidas de contenção do vírus, isolamento social e sanitárias.	52 (9%)
(E) COVID-19 e cobertura internacional	Refere-se a notícias de outros países, com foco no número de casos, medidas de cada país para combater o vírus, bem como anúncios da Organização Mundial da Saúde, de interesse mundial.	141 (24%)
(F)Auto-referencialidade midiática	Momentos em que a Rede Globo apresenta informações sobre a própria cobertura da pandemia e da crise mundial, fazendo, também, chamadas para outros programas da emissora e reportagens especiais.	7 (1%)
(G) COVID-19 e Relatos de Humanização	Casos de pessoas famosas que se testaram para a Covid-19, tendo resultado positivo ou negativo e casos extraordinários de pessoas que se recuperaram da doença ou estão enfrentando situações graves. Além disso, abarca um quadro do Jornal Nacional que dialoga com diversas profissões essenciais na pandemia e ações de solidariedade da população civil.	90 (15%)
(H) COVID-19 e impactos na economia	Foco em consequências da crise mundial causada pela pandemia do novo coronavírus, com medidas e projeções relativas ao mercado nacional.	15 (2%)
	<b>TOTAL</b>	<b>598 (100%)</b>

Fonte: Dos autores, 2020

De forma geral, pode-se observar que o maior número de notícias sobre a Covid-

19 é relativo à cobertura internacional, a categoria A (Gráfico1). Os países com maior destaque no *JN*, durante o período em questão, são os EUA, Itália e Espanha, sendo que esses dois últimos apareceram mais no primeiro mês, quando enfrentaram um aumento exponencial do número de casos e mortes. O foco dessas notícias foi, em sua grande maioria, nas estatísticas. Outros assuntos foram medidas tomadas pelos países para lidar com a crise, abarcando isolamento social, questões financeiras e de enfrentamento. Além disso, destacam-se os pronunciamentos da Organização Mundial da Saúde (OMS), com dados mundiais e pautando questões como a conceituação da crise como pandêmica, o uso de máscaras e outros assuntos. Ressalta-se também as constantes polêmicas do Presidente dos EUA, Donald Trump, envolvendo, de forma semelhante a Jair Bolsonaro, ataques à OMS e negacionismo.

Gráfico 1 – Porcentagem dos enquadramentos nos meses de março, abril e maio



Fonte: Dos autores, 2020

Esse ponto fica evidenciado no segundo tipo de notícia que ganhou mais destaque: as estatísticas do coronavírus no país (categoria A, 22%). Pouco atrás da categoria internacional, as reportagens e quadros focando no aumento de número e de mortes abordam tanto o país, de forma geral, quanto os estados mais afetados em cada momento da pandemia: “Brasil tem”, “Brasil ultrapassa”, “Brasil supera”, “número de casos sobe para” e “Ministério da Saúde confirma” são construções recorrentes nas chamadas.



Parte-se do pressuposto que o critério de noticiabilidade é o aumento constante dos casos.

Essas duas categorias podem dialogar com o conceito de “corrida de cavalo”, uma vez que as notícias internacionais e estatísticas dão destaque aos países que são epicentro da pandemia e que passaram por situações dramáticas, como Itália e Espanha. Outros países brevemente mencionados foram, em ordem de maior destaque: China, Reino Unido e Índia. Revela-se um silêncio em relação a nações que tiveram menos casos e maior sucesso no enfrentamento da crise, como, por exemplo, Nova Zelândia, Dinamarca e Vietnã. Essa opção editorial e discursiva revela, também, como os enquadramentos estão ligados a um posicionamento que reforça a necropolítica. Se os detentores da maior audiência do jornalismo televisivo do Brasil – e portanto, de poder discursivo - optam por dar mais espaço e ênfase aos números de morte em detrimento de qualquer outro tipo de cobertura, ocorre uma naturalização dos números, das estatísticas e das “vidas descartáveis”. Por fim, anestesia-se a população, que já não se choca ou se revolta ao ouvir que o país possui 100 mil mortes por Covid-19, número provável de ser alcançado no início de agosto.

Quadro 2 – Quantidade de matérias de acordo com os pacotes interpretativos, distribuídos pelos meses de março, abril e maio.

	<b>A</b>	<b>B</b>	<b>C</b>	<b>D</b>	<b>E</b>	<b>F</b>	<b>G</b>	<b>H</b>	<b>TOTAL</b>
<b>março</b>	30	33	21	34	74	5	26	8	<b>231</b>
<b>abril</b>	45	33	20	12	42	2	26	2	<b>182</b>
<b>maio</b>	59	27	25	6	25	0	38	5	<b>185</b>
	<b>134</b>	<b>93</b>	<b>66</b>	<b>52</b>	<b>141</b>	<b>7</b>	<b>90</b>	<b>15</b>	598

Fonte: Dos autores, 2020

O Quadro 2 ilustra o número de reportagens por mês e por categoria. Em março e abril, a cobertura dá mais ênfase aos casos internacionais, uma vez que a crise ainda não havia se agravado no país, tendo a categoria “E” decrescido até maio. Já a categoria “A”, relativa a estatísticas do país, cresce até o terceiro mês analisado, ganhando maior destaque no noticiário. Com o aumento do número de casos no país e a interiorização da contaminação pelo novo coronavírus, aumenta-se, também, o número de notícias. Pau-

ta-se, junto ao espectador, as estatísticas como assunto central na cobertura da pandemia, silenciando, novamente, outras abordagens possíveis.

As próximas duas categorias mais noticiadas, e que permanecem relativamente estáveis em relação à quantidade nos três meses analisados, são: “B” (16%) e “G” (15%) (Gráfico 1, Quadro 2). Sobre a primeira, as principais matérias são estudos e pesquisas de diversas instituições sobre o vírus, informações e orientações de saúde, como, por exemplo, o uso correto de máscaras ou o que fazer em caso de sintomas; números e dados sobre kits de testagem e anúncios do Ministério da Saúde. Observa-se que há a opção por exercer uma função de orientação, o que corrobora com dados de que a maior parte da população estava recorrendo<sup>6</sup> à mídia tradicional para se informar, de maneira mais confiável, sobre o coronavírus (*FOLHA DE SÃO PAULO, UOL*, agosto de 2020).

As discussões de Rodrigues (1990) sobre a imprevisibilidade dos fatos e os critérios de noticiabilidade respaldam as decisões discursivas para o grande número de reportagens que humanizam casos de superação da Covid-19 e situações dramáticas extraordinária, como o caso do homem mais velho do Brasil a se recuperar da doença, mãe e recém-nascidos gêmeos que se recuperaram, ou a morte de jornalistas e outras pessoas famosas. O apelo dessas notícias é sentimental. Além disso, há um foco na atualização de casos de políticos brasileiros que contraíram o vírus, dentre governadores, ministros e parlamentares.

Outro ponto importante é o tema solidariedade: há a presença, mesmo que baixa, de reportagens que abordam o trabalho de voluntários com pessoas de maior risco social e a luta das favelas contra o vírus, por exemplo. Não há maiores discussões sobre esses enfrentamentos, entendendo ações “solidárias” não como obrigação do Estado, mas como atos de “bondade” da população civil. Em outras palavras, pouco se discute a ação do Estado junto a populações mais oprimidas. Soma-se a essas reportagens, um “giro” por diversas profissões tidas como essenciais na crise, como o caso dos profissionais que cuidam do abastecimento da água, vistos como heróis e indispensáveis para a sociedade, sem discutir o risco que esses trabalhadores correm ou os respaldos para eles e suas famílias por parte do Estado ou das instituições privadas. No mês de maio, houve

---

<sup>6</sup> <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/03/tvs-e-jornais-lideram-indice-de-confianca-em-informacoes-sobre-coronavirus-diz-datafolha.shtml>. Acesso em 07 de agosto de 2020.

uma predominância significativa de matérias e personagens que residem em estados das regiões Norte e Nordeste. Entre elas, pelo menos, cinco menções a população indígena atingida pela Covid-19. Houve também ampla utilização de imagens e depoimentos feitos com celular dentro de hospitais, demonstrando lotação e condições de tratamento.

Novamente, é possível relacionar essa narrativa dos heróis em tempos de crise com a necropolítica – exalta-se aquele que mais necessita de apoio como herói, para se manter o status quo e criar uma abordagem catártica. Aqui, não se reflete a atuação do Estado em relação a essas populações, com raras exceções sobre o auxílio emergencial do governo. Em relação aos enquadramentos, portanto, percebe-se uma opção pelo personalismo, na categoria “G” e pelo temático na categoria “B”, único momento de mais aprofundamento em discussões ancoradas em pesquisas e estudos científicos.

A categoria “Coronavírus e as polêmicas de Jair Bolsonaro e de seu governo” (C, 11%) é a que mais, explicitamente, retrata a necropolítica que rege o governo Bolsonaro. Dentre as matérias de destaque encontram-se: as polêmicas causadas pelo negacionismo de Jair Bolsonaro à pandemia ao criticar medidas e protocolos internacionais de isolamento; expressões como “e daí?” ou “não sou coveiro” (BBC, agosto de 2020) em reação ao recorde de número de mortes diárias por Covid-19<sup>7</sup>; pronunciamentos de ministros e dos próprios filhos, afirmando que a crise é um plano comunista e/ou culpa da China (referindo-se, ainda, ao vírus como “vírus chinês”); reações a essas declarações por parte de comunidades médicas, políticas e outras, bem como da imprensa internacional; polêmicas em torno dos laudos dos teste de Covid-19 do presidente; polêmicas entre Jair Bolsonaro e os Ministros da Saúde, dentre outros tópicos que aparecem de forma mais pontual.

A quantidade de matérias desse enquadramento permanece estável ao longo dos meses (Gráfico 1), com momentos de maior cobertura nas saídas dos Ministros da Saúde<sup>8</sup> (UOL, agosto de 2020), porém com matérias que se encaixam mais como desdobramentos e, portanto, não entram nos critérios de coleta do presente artigo. A postura de Jair Bolsonaro deixa clara a ideia de “meritocracia” de quem vive ou quem morre, ao negar a crise e ao tirar do governo aqueles que iam contra sua visão negacionista sobre a

<sup>7</sup> <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-53327880> Acesso em 07 de agosto de 2020

<sup>8</sup> <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2020/05/15/nelson-teich-pede-demissao-do-governo-bolsonaro.htm> Acesso em 08 de agosto.

pandemia. No entanto, ainda assim, isso não foi suficiente para que o *JN* optasse por matérias com maior destaque sobre os imbróglios bolsonaristas, sendo essas 66 matérias, parte de enquadramento mais factual.

Já as três categorias com menor destaque em números de reportagens foram sobre medidas sanitárias e de isolamento social do país, mas principalmente focado nos estados brasileiros (D, 9%), impactos na economia e auto referencialidade midiática (G e F, Gráfico 1). As três trabalham de forma factual, ressaltando acontecimentos pontuais e medidas governamentais. Sobre a autorreferencialidade midiática, o *JN* apresenta as matérias do programa Fantástico ou comenta cobertura especial do canal GloboNews.

## 6. Considerações Finais

O presente artigo é uma primeira análise do enquadramento noticioso do Jornal Nacional acerca da Covid-19. Por meio de análises dos meses de março, abril e maio, com palavras-chave selecionadas, obtive, como resultado, 598 matérias, que foram categorizadas e analisadas por meio de oito pacotes interpretativos. Nesse primeiro momento, percebeu-se maior incidência de notícias de cunho estatístico e voltadas à cobertura internacional. Pouco se deu espaço a discussões mais aprofundadas da crise, deixando de lado consequências sociais das populações que mais compõem os números de casos e mortes do país, aquelas oprimidas pelo Estado.

Nesse sentido, discutiu-se também, como a mídia, e no caso, o *JN*, reforça o caráter da necropolítica adotado pelo governo de Jair Bolsonaro, que, com seu negacionismo, contribui para a morte daqueles que considera “descartáveis”. São essas mesmas mortes que poderiam ter sido evitadas por políticas públicas as que são destaque no jornal televisivo de maior audiência do Brasil. A presente pesquisa pretende continuar o mapeamento de discutir, ainda, outros dados em estudos futuros.

## Referências

AGAMBEN, Giorgio. **Homo Sacer**: o poder soberano e a vida nua I. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

ALBUQUERQUE, Afonso de. O Paralelismo político em questão. **Revista Compólitica**, v. 2, n. 1, p. 6-28, 2012.

ANGRIMANI, Danilo. **Espreme que Sai Sangue**: um Estudo Sensacionalismo na Imprensa. São Paulo: Summus, 1995.

BONNER, William. Repórteres da Globo vão passar a usar máscara inclusive diante da câmera nas ruas. **Jornal Nacional – Rede Globo**. GloboPlay. 4 ago 2020. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/8530733/>> Acesso em 30 jul 2020.

DIAS, Leo. Entenda o que significa a Globo obrigar seus repórteres a usarem máscaras. **Coluna Leo Dias – UOL**. 8 mai 2020. Disponível em: <<https://tvefamosos.uol.com.br/colunas/leo-dias/2020/05/08/entenda-o-que-significa-a-globo-obrigar-seus-reporteres-a-usarem-mascaras.htm>>

CATOZZO, Franceslly dos Santos; BARCELLOS, Zanei Ramos. A influência da mídia nos protestos brasileiros de junho de 2013 e março de 2015. In: **Anais do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul** – Curitiba, PR – 26a 28/05/2016. Disponível em: <<https://www.portalintercom.org.br/anais/sul2016/resumos/R50-1591-1.pdf>> Acesso em 06 ago 2020.

GOFFMAN, Erving. **Frame Analysis**. Boston: Northeastern University Press, 1986.

GAMSON, W.; MODIGLIANI, A. (1993). The changing culture of affirmative action. *Arquivo de Research in Political Sociology*, n. 3, 137-177.

HERNANDES, Nilton. **A mídia e seus truques**: o que jornal, revista, TV, rádio e internet fazem para captar e manter a atenção do público. São Paulo: Contexto, 2012. 2 ed.

IBOPE Inteligência. **Relatório Final Pesquisa Brasileira de Mídia – PBM 2016**. Disponível em: <<http://www.secom.gov.br/atuacao/pesquisa/lista-de-pesquisas-quantitativas-e-qualitativas-de-contratos-atuais/pesquisa-brasileira-de-midia-pbm-2016.pdf/view>>. Acesso em: 06 ago 2020.

JORNAL NACIONAL. **Memória Globo**. Disponível em: <<https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/jornalismo-e-telejornais/jornal-nacional/historia/>> Acesso em 06 ago 2020.

LIMA, Venício de. **Mídia**. Crise Política e Poder. São Paulo: Perseu Abramo, 2006.

MBEMBE, Achile. Necropolítica: Biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte. Arte & Ensaios. *Revista do PPGAV/ EBA/ UFRJ*. Nº 32. 2016.

PADIGLIONE, Cristina. “Jornal Nacional” inaugura uso de máscaras em seus repórteres de vídeo. **TelePadi – Folha de S. Paulo**. 4 mai 2020. Disponível em: <<https://telepadi.folha.uol.com.br/jornal-nacional-inaugura-uso-de-mascaras-em-seus-reporteres-no-video/>> Acesso em 3 ago 2020.

PORTO, Mauro. P. Enquadramentos da mídia e política. In: RUBIM, A.A. (Org.). **Comunicação e Política**: conceitos e abordagens. Salvador: EdUFBA, 2004.



PORTO, Mauro P. Novas Estratégias Políticas na Globo? O Jornal Nacional antes e depois da saída de Cid Moreira. In: **XXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Rio de Janeiro, Universidade Gama Filho, 1999.

RODRIGUES, Adriano Duarte. **Estratégias de Comunicação**. Lisboa: Editorial Presença, 1990.

TEIXEIRA, Renata; PALMA, Glaíse. A transformação do jornalista de televisão em tempos de convergência: uma análise de Mari Palma no programa G1 em 1 minuto. In: **XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul** – Cascavel - PR –31/05 a 02/06/2018. Disponível em: <<https://portalintercom.org.br/anais/sul2018/resumos/R60-0139-1.pdf>> Acesso em 06 ago 2020.

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**. Pesquisa: Comunicação e informação num contexto de pandemia e isolamento social. 2020. Disponível em: <[http://www.ufes.br/sites/default/files/anexo/comunicacao\\_coronavirus-ufes.pdf](http://www.ufes.br/sites/default/files/anexo/comunicacao_coronavirus-ufes.pdf)> Acesso em 06 ago 2020.

WOLF, Mauro. **Teorias da Comunicação**. Lisboa: Editorial Presença, 1999.